



Director literario:

Vasco Rocha
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Luís de Almeida
PAPUSSE

TEMPESTADE

por Vasco A. Rocha

ilustrações de A. M.

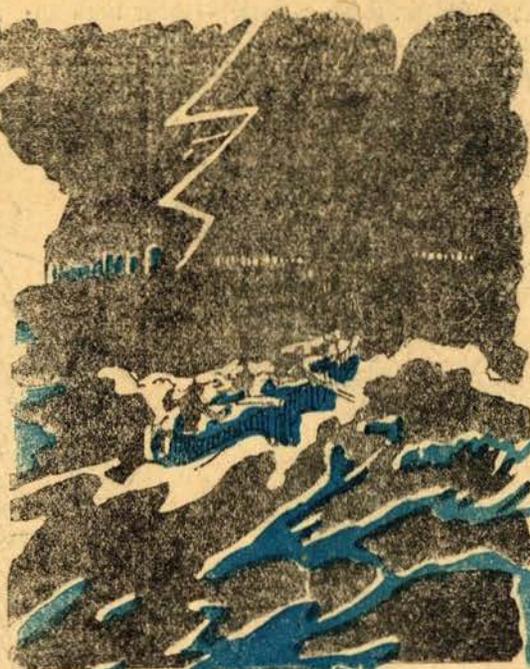


Em Aveiro, a cidade dos pescadores e das marinhãs de sal, habitavam, perto da ria, numa pequena casa de madeira, o velhinho tio João, antigo e denodado lóbo do mar, e seu filho Artur, bonito rapaz de dezessete anos de idade, que desde criança exercia o ofício de pescador.

O tio João fora um herói. O mar, sedento de vítimas, tinha nele um inimigo feroz.

Quando a tripulação de qualquer navio, prestes a afundar-se, pedia aflitivamente socorro, lá ia o tio João, capitaneando uns poucos de valentes, salvá-la. Estivesse o mar como estivesse — salvava-a sempre.

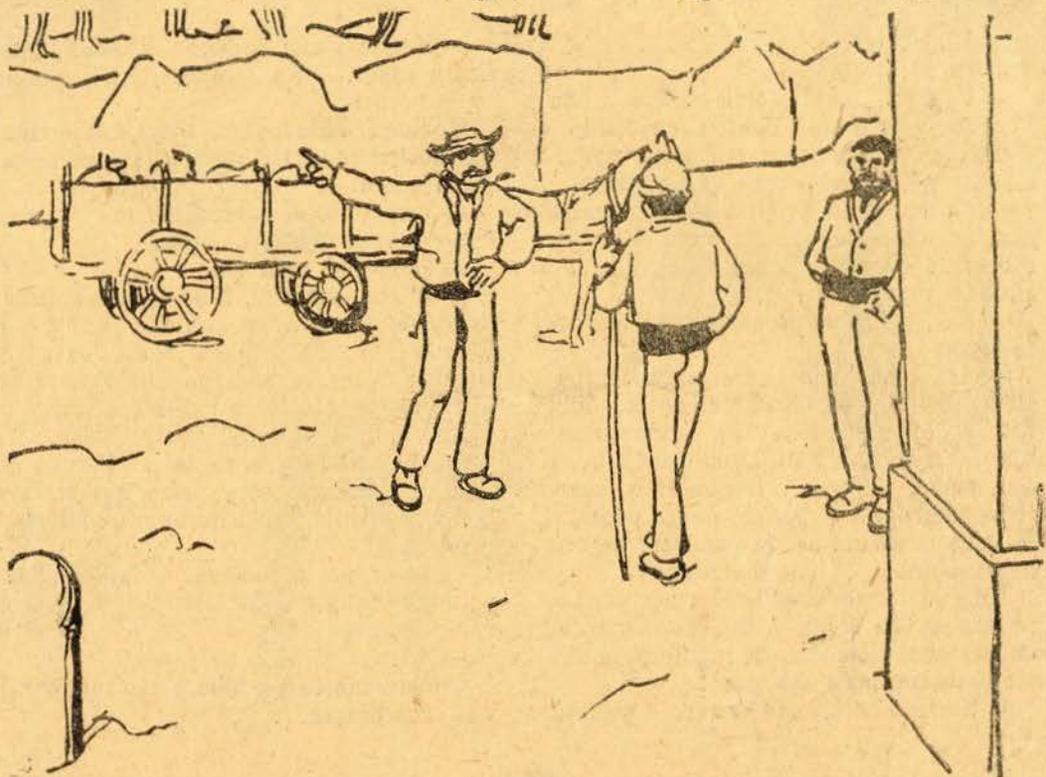
No seu forte e vasto peito brilhavam condecorações merecidas. O santo velho, porém, pensando constantemente em Deus e no seu filho Artur, era tratado muitas vezes com indiferença; mas ele importava-se pouco com isso. Vivia pobre. Em compensação, muita gente que ele arrancara ao furor das vagas, vivia regaladamente, feliz e sem cuidados. E depois... Cada naufrago salvo, cada novo caminho que o tio João julgava que se lhe abria direitinho ao céu. E era esta a sua mais nobre ambição.



Estava uma noite estrelada e calma. Ao longe, porém, ouviam-se surdos rumores de alguma tempestade longínqua. De espaço a espaço, prolongados e enormes clarões cortavam a negridão das nuvens distantes.

Numa pequena cama, o tio João agonizava e Artur, banhado em lágrimas, orava fervorosamente.

(Continua na página 4)



dos bandidos, (porque era bem de bandidos aquela morada), era uma gota de água num oceano; talvez eles, até, nunca dessem pela sua falta.

Passados alguns anos o «velho José», já senhor duma grande propriedade, que havia comprado com o dinheiro surripiado da gruta, descansava, já quasi sol-pôsto, quando ouviu no pátio alguém falando com o criado.

Veio à janela e viu um homem, azeiteiro sem dúvida,—pois a carroça de que se havia apeado e que estava carregada de ôdres levava a crêr isso—que pedia ao criado fôsse junto do dono da herdade pedir pousada para êle por aquela noite, pois que o animal estava muito cansado e a cidade ainda estava longe.

O serviçal, zeloso, veio ter com o «velho José», expondo-lhe o pedido do azeiteiro.

O patrão explicou ao criado que aquele homem que no pátio lhe pediu pousada, não era mais que um ladrão e que vinha para o roubar.

—Mas, então, só, o que fará êle?

—E quem te diz que êle veio só?

—Mas se não veio, que é dos outros?

—Nalguma parte hão de estar!—vamos lá falar com o patife.

Desceram, e o «velho José» autorisou o azeiteiro a pernoitar em sua casa, depois do que êle começou a arrumar os ôdres numa espécie de pátio interior que ficava mesmo ali à entrada da casa,

O criado não atinava porque o patrão, sabendo que êle era um ladrão, consentia que ficasse debaixo da mesma telha que êle.

O «velho José» disse-lhe, então:

—Tu vais daqui já e trazes o maior número de pessoas possível. Entras aqui quando tudo fôr silêncio e ficas de emboscada até que recebas algum sinal.

O criado fez o que o amo lhe mandou e, por noite velha, estando tudo em silêncio e pronto para o que desse e viesse, aqueles que tinham olhos de vêr, viram um vulto levantar-se do sítio mais escuro, dirigir-se aos ôdres e desatá-los, saíndo de cada um dêles um larápio que já esperava que o chefe fizesse aquilo.

Dirigiram-se, surrateiros, para a sala onde sabiam que estava o cofre, e, ao voltarem com as mãos abarrotadas de oiro, convencidos que nada lhes poderia obstar a que passassem, deram com um sem número de espingardas que os alvejavam. Acêsa a luz e despojados os bandidos do roubo, foram amarrados e entregues, no dia seguinte, às autoridades que lhes applicaram o devido correctivo, mandando-os para a costa de Africa, condenados a trabalhos forçados. E foi justo. Não é impunemente que se despojam dos seus haveres pessoas dignase honradas.

O «velho José» ofereceu aos pobres uma parte da sua fortuna igual à quantia que havia subtraído da gruta.

CONTINUADO DA PAGINA 1

— Filho...

— Pai?...

— Vem cá... Aviva mais o lume... Isso...

Já não vejo bem. Dantes, envolvido em densas trevas, divisava por entre vagas tãmanhas pobres naufragos que, radiante, salvava, à custa da própria vida, e pensando que, se morresse, ia para junto de Deus... Filho: se eu agora deixar de existir... irei também para o céu?...

— Não, paisinho, porque ainda viverá muito tempo!

— Artur, não, não viverei muito tempo... Olha: sê forte! Morrerei ainda esta noite... Então que queres?... Eu havia de existir tôda a vida?... Não. Deus chama-me, porque nunca pequei... Depois Deus chamar-te-há também a ti, porque nunca pecarás... E mais tarde até hei-de conhecer no céu os meus nêtinbos... não é verdade?...

Uma súbita ventania fez tremer um pouco as tábuas da frágil habitação. Começou a chover com violência. As inquietas ondas da ria pareciam mais agitadas...

O tio João soltou um suspiro, e continuou:

— Morrerei esta noite... E' pena! O mar ficará triste... Eu sempre julguei que acabaria no mar...

Ouviu-se, de repente, o majestoso ribombar do trovão. Avizinhava-se uma tempestade ameaçadora.

— Vem para cá a tempestade? — perguntou, em voz fraca, o tio João.

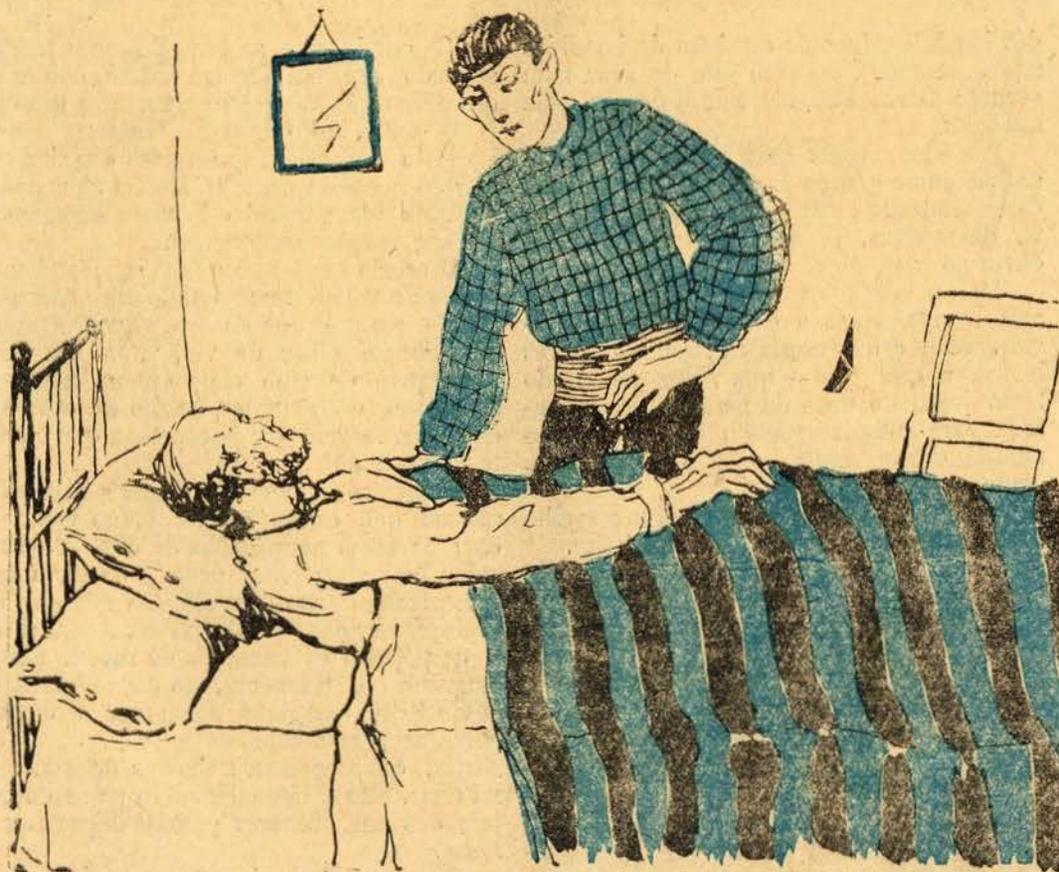
— Vem, sim, meu pai.

— E' para admirar, filho. Costuma dizer-se que Aveiro está a um cantinho do céu, e que é protegido pela princesa Santa Joana! Ah! Quantas vêzes cantava no alto mar ao som dos trovões, e salvava muita gentinha à claridade dos relâmpagos! Tempestade!... Eu zombava de ti!... As vagas!... Parecia uma criança brincando sobre elas, que tentavam em vão arrastar-me para as profundezas do mar!...

Calou-se, por momentos. O lume apagava-se lentamente, e Artur, abraçado ao pai, chorava, chorava...

— Adeus — disse o tio João.

Olhou fixamente o filho, e expirou, por fim, nos seus braços...





À luz intensa dum relâmpago, sucedeu-se uma formidável detonação; ao mesmo tempo caía sobre Aveiro uma chuva terrencial; um violento furacão fez abalar sólidas habitações. Das sossegadas águas da ria levantaram-se ondas enormes, que envolveram incautos transeúntes, e inundaram parte da cidade.

As mulheres rezavam a todos os santos da sua devoção, e as mais medrosas soltavam gritos lancinantes; os homens procuravam acalmar, conforme podiam, as suas famílias; e as crianças — as que não dormiam suavemente — choravam sem saber bem porquê.

Parecia uma comovente homenagem da tempestade ao extinto velho lóbo do mar!

— Tio João! Tio João!

A porta da velha casa de madeira abriu-se violentamente, e um rapaz, agigantado, entrou a correr.

— Tio João! Um iate encalhou perto da Barra, e a tripulação está em perigo!

Artur, enchugando as lágrimas, disse espantosamente calmo:

— O tio João morreu!

— Hein?! O tio João?!...

— O tio João morreu! — repeliu o pobre filho como se falasse consigo mesmo.

Ouviram-se choros perto da porta. Eram várias mulheres, com os cabelos desgrenhados, que escutaram esta simples e terrível troca de palavras.

— Quem há-de salvar, então, a gente do iate? — perguntou uma voz.

— Eu! — respondeu Artur. — Meu pai ensinou-me a comandar, como ninguém, um salva-vidas, e eu não sou medroso! Fiquem vocês aqui, por favor! (disse dirigindo-se às mulheres.) Velem o cadaver, sim?

— Sim! Sim! — disseram elas, ao mesmo tempo, muito comovidas.

E começaram, como de costume, fazendo comentários e súplicas, em altos gritos e largos gestos.

— Que Deus o escute!

— Deve ser valente, como o pai!

— Pobre criança!

— Como ele ficou tão cedo órfão!

— Deixem-no ir!

— Ele tem razão! É o único que pode comandar o salva-vidas!

— A alma do tio João acompanhá-lo há!

(Continua na página 7)

JESUS SARANDO OS LEPROSOS



POR
AUGUSTO de SANTA-RITA
Esboçeto de E. MALTA

De volta de Belém,
onde Nossa Senhora
— a Virgem Mãe —
ficara,
ia
um dia
Jesus
para Jerusalem,
entre bambús
e à luz
duma esplendente aurora.

Súbito, cara a cara,
um grupo de leprosos
eis lhe surge rogando,
suplicando,
chorosos,
a milagrosa graça
duma cura.

Entretanto, Jesus,
a dextra erguendo, traça
no ar, no vago, a figura,
o esboço duma cruz
e, súbito, volveu:
— «Em nome de meu Pai
que está no Céu,
sarai
chagas em pús!»
Imediatamente,
ao mando de Jesus,
o milagre se deu!

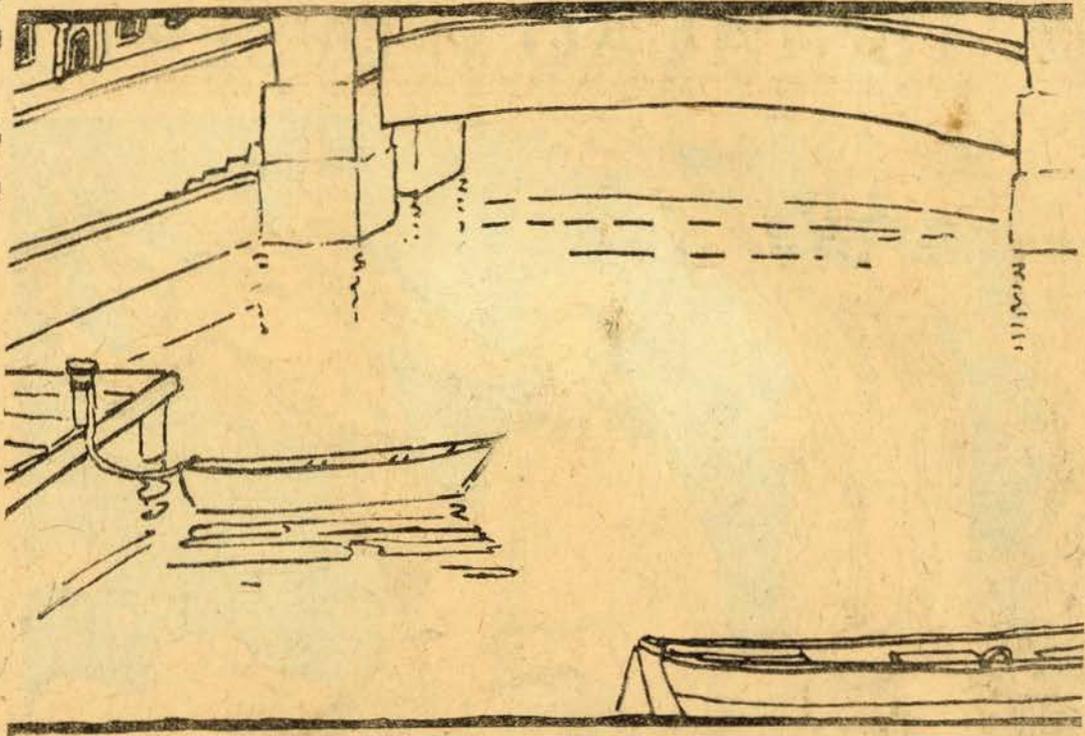
Imensamente
contente,

de corpo já limpo, entanto,
o grupo, cheio de espanto,
brada: — «ó céus, como foi isto?!...»

Nisto,
ancho,
vai-se o rancho,
de alta grimpa,
e um, sòmente,
reverente,
de corpo limpo e alma limpa,
se ajoelha aos pés de Cristo
que lhe diz numa voz calma:
— «a tua fé te salvou,
porque ela até te livrou
da própria lepra da alma!

F I M

PARA OS MENINOS COLORIREM



CONTINUADO DA PAGINA 5

—E pedirá a Deus pelos nossos maridos!
—Velem o cadáver!—repetiu Artur.
E saiu, apressadamente, com o rapaz agi-
gantado.

O mar rugia com pavor, e a tempestade tinha redobrado de fúria. Mas o potente ribombar do trovão, os relâmpagos sucessivos, a chuva torrencial, o vento furioso e soprando em tôdas as direcções, a escuridão cortada, apenas pelas intensas descargas electricas, as vagas desfazendo-se com violência contra as rochas—não intimidavam o valente grupo do salva-vidas, que remava, sem descanso, para o iáte prestes a sossobrar. De tempos a tempos, ouvia-se a voz de Artur, ainda juvenil, mas bastante forte para que se não ouvisse através da tormenta.

Para que narrar a inaudita luta dos homens contra os elementos?

Basta que os leitores saibam, naturalmente com satisfação, que Artur, por entre o entusiasmo de vários pescadores que presenciaram emocionados aquela scena horrorosa e bela, conseguiu salvar toda a tripulação do iáte, que pouco depois ia a pique.

Entre os naufragos, contavam-se o sr. Joaquim Mendes, um homem riquíssimo, D.

Leopoldina, sua bondosa esposa, e Maria Mendes, adorável filha do venturoso casal. Esta conhecida familia lisboêta, tomou por Artur uma afeição extraordinária. Retiraram-se de Aveiro com o jovem heroi e nunca mais consentiram que elle se retirasse da sua companhia.

Passaram-se 5 anos.

Um homem alto, elegante, e uma formosa menina costumam ajoelhar-se diante duma modesta sepultura, onde se vê a estátua dum velho lobo do mar a comandar um salva-vidas e tendo a mão direita sôbre a fronte como perscrutando com atenção o horisonte. Nêle também se pode ler o seguinte epitáfio :

«Aqui jaz o tio João, humilde e heróico lobo do mar. Saudade eterna de seu filho Artur.»

Os leitores devem já ter adivinhado que este casal era Artur e a formosa menina, Maria Mendes, noiva do seu antigo salvador, a qual nunca poderia ter escolhido marido mais bonito, não de muita fortuna — pobre, até, —mas riquíssimo em coragem, intelligência e bons sentimentos.

■ F I M ■

A TENTACÃO NO DESERTO



APOS haver jejuado
quarenta dias a fio,
Nosso Senhor,
concentrado,
cheio de fome e de frio,
foi para um certo
deserto,
desabafar sua Dôr,
quando, de súbito, pèrio,
sobre uma angulosa pênha,
lhe surge e lhe diz, com ma-
nha,
Satanaz, o Anjo maldito:

— «Se és Cristo, Rei dos Ju-
deus,
porque em nome
do teu Deus,
não tornas este granito
em pão que te mate a fo-
me?!»

Então,
Jesus, pondo a mão,
aberta sôbre o abdômen,
responde, quasi num grito:
— «Porque, Satan, está es-
crito:
Nem só de pão vive o Ho-
mem!»

Entanto, não desistindo
de tentar o Nazareno,

Satanaz, num leve aceno,
torna sarcástico e rindo:

— «Porque has-de, com sa-
crifício
da vida—(empieza tão lou-
ca)—
salvar os homens que, em
troca,
te levarão ao suplicio?!»

Se nactuares comigo,
serás Rei dum Nação
maior que a do Salomão;
medita bem no que digo!»

Mas Jesus, a Satanaz,
Satanaz, Anjo maldito,
responde: — «Não! Está es-
crito:
Só teu Deus adorarás!»

Então, Satan, ruminando
seu incontido furor,

torna de novo ao Senhor,
com suas artes tentando:

— «Se és Cristo, por teu bap-
tismo,
e milagreiro, despenha
teu corpo daquela pênha,
à beira daquele abismo!»

Nada te sucederá,
pois ao chegares ao chão,
por certo, amparar-te-hão
os anjos de Jehovah!»

Porém, o Filho de Deus,
inabalável à voz
do Anjo mau, volve após,
erguendo os olhos aos céus:
«Mil vezes não, Satanaz:
vai-te, vai-te, Anjo maldito:
— Pois que, também, foi es-
crito:

Teu Senhor não tentarás!»

■ F I M ■